

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Clara Korukian Freiberg

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Maria Lucia Mendes de Carvalho da Cetec Capacitações/GEPEMHEP do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A nutricionista Clara Korukian Freiberg é professora da Etec Carlos de Campos, do curso Técnico em Nutrição e Dietética. Fez parte da equipe da professora e coordenadora Neide Gaudenci de Sá, nessa escola. Foi professora de nutrição no Centro Universitário São Camilo. É autora de livro didático no campo da nutrição, juntamente com Mônica Santiago Galisa e Neide Gaudenci de Sá, em 2007.

Elaboração do roteiro da pesquisa: -

Local da entrevista: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, no Edifício Paula Souza, sala 11, em São Paulo/SP.

Data: 11 de abril de 2019

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 1 hora, 2 minutos e 49 segundos

Número de vídeos: dois

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 26

Sinopse da entrevista

Para compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza,

realizou-se entrevista com Clara Korukian Freiberg, por ser professora do curso Técnico em Nutrição e Dietética da Etec Carlos de Campos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: entre 13 de setembro de 2024

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (52 minutos e 27 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, Clara Korukian Freiberg, eu Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista. Hoje que é dia 11 de abril de 2019, aqui no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Sousa. Nesse ano, inclusive, comemorativo dos 80 anos do curso Técnico em Nutrição e Dietética, que surgiu na nossa querida Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, aqui em São Paulo, e, também, no ano do cinquentenário da nossa instituição.

Clara Korukian Freiberg (CKF): Eu me sinto muito honrada de estar aqui hoje, por todas essas comemorações e por fazer parte dessa história.

MLMC: Então, por isso, eu gostaria de fazer essa entrevista de história oral de vida, que você contasse um pouco da sua trajetória, onde você nasceu, onde você fez curso primário, secundário, se você quiser falar da sua família, e, depois, até chegar na Carlos de Campos. Como é que você ingressou na Carlos de Campos?

CKF: Bom, eu nasci em São Paulo e eu sou filha de armênios, a minha mãe veio diretamente de lá, meu pai e filhos também. Então eu sou descendente de armênios de pai e mãe e eu estudei, portanto, na escola armênia, um ensino fundamental, que antigamente era um ensino primário. Quando a gente entra no que nós chamamos fundamental 2, 5ª, 6ª série eu estudei na escola pública, porque naquela época entrar na escola pública não era tão fácil, a gente fazia prova de admissão e entrava na escola, isso era a escola do Estado, uma escola na Mooca, no MMDC, e eu fiz até o Ensino Médio. Na minha época, a divulgação das escolas técnicas, elas ficavam limitadas a algumas escolas, a minha escola não falava muito do ensino técnico, era tradicional as escolas, quem fazia o ensino médio na escola do Estado buscava já fazer diretamente o ensino superior. Então eu fiz faculdade de nutrição na época, eu estudei

na Universidade Mogi das Cruzes e eu me formei em 81. Durante o período que eu estava na escola, eu estudei com algumas pessoas que estudaram na escola técnica. Nós fomos até a Escola Carlos de Campos fazer uma visita, uma entrevista com a Dona Neide, foi quando eu tive a oportunidade de conhecê-la. Neste ano, nós também compramos a primeira edição do livro que ela estava lançando e ela assinou para a gente, foi assim, eu fiquei bastante empolgada, como não tinha estudado lá. A escola era fascinante e a Dona Neide, naquele momento, ela foi muito, muito, muito importante, quando ela mostra para a gente o acerto que nós fizemos de ter escolhido a carreira da alimentação para seguir. Então, foi o primeiro contato que eu tive com a Dona Neide.

CKF: Assim que eu formei, eu fui trabalhar na indústria de alimentos. Fui trabalhar na Liotécnica e algumas pessoas que tinham estudado na Carlos de Campos tinham sido chamadas para trabalhar na Carlos de Campos pela Dona Neide. Porque a Dona Neide estava renovando o quadro da escola, uma vez que os professores que já trabalhavam ali há tantos anos estavam se aposentando. E ela, como ela, da mesma forma, como ela foi escolhida por um mérito, por uma simples razão de mérito, ela fez a mesma coisa. Ela começou a chamar os ex-alunos da escola para trabalhar na escola, como professores, e eu não tinha chance, porque eu não tinha estudado na escola. Mas nada acontece por um acaso, teve a Semana da Nutrição e eu fui convidada para dar uma palestra sobre alimentos liofilizados. E eu cheguei na escola, foi incrível, primeiro só no olhar, eu já vi que ali era meu lugar e aquela pessoa era especial. Eu dei a minha palestra, foram feitas várias perguntas, eu levei amostras de alimentos, tudo que me perguntavam, eu respondia, e a Dona Neide, eu via que ela me olhava assim com bastante carinho. Bom, e coloquei, saí de lá e uma amiga minha que já trabalhava lá, que foi a Rosana, que foi minha colega de turma da faculdade.

MLMC: A Rosana?

CKF: A Rosana Toscano Ferreira. A Rosana disse assim: - Dona Neide, a senhora não gostou tanto dela? Eu gostaria de dar aula, a senhora não quer? E assim, eu esbarrava na primeira barreira, eu não era ex-aluna, e a Dalila inclusive, que também era professora, nem acreditava muito nisso. Não botava fé não, ela fazia assim: - ah, difícil, a gente nem conhece, e não tem cara de quem vai ficar na escola. Eu dou um ano para ela aqui e acho que a Dalila se enganou mesmo, se enganou. Mas, a Dona Neide foi pelo seu file e me chamou se eu quisesse dar aula e eu fui. E, eu fui, mas tinha um certo pedágio para ser pago nesse momento, primeiro porque ela tinha que ter muita certeza do que ela estava fazendo, e ela gostava de ex-aluno dela. Então naquela época a gente tinha aquelas horas de atividade de terceiro planejamento

que era a HTP, e a gente tinha assim algumas janelas, tinha alguns espaços, e eu tinha. Só trabalhava lá, dedicação praticamente exclusiva, e todo mundo me achava muito louca. Como eu vou sair da indústria de alimentos e se enfiar numa escola? E eu falava assim: - eu vou experimentar, eu sou nova, eu tenho que tentar, é uma coisa que eu gosto de fazer, eu vou experimentar, e fui. E nesse período que eu fui, durante um ano, eu assisti aula da Dona Neide numa classe, como assistente, era sempre a mesma turma. Eu assistia, era eu que aplicava as atividades que ela elaborava, eu ajudava ela corrigir, e assim, pra eu pegar o jeito da escola, o jeito da classe.

MLMC: Mas ela fazia isso com as outras professoras?

CKF: Não, era só comigo, porque as outras elas conheciam, e assim, eu dei aula, Nutrição Normal, que era a disciplina dela, depois eu trabalhei com ela na disciplina de Inquéritos e Técnicas de Educação Alimentar, porque quem era a sucessora dela, nesse sentido, era a Leila.

MLMC: Que ano foi esse?

CKF: Em 1983. A Leila, que era a sucessora oficial, mas nas aulas, a Leila dividia com ela, mas nas aulas dela, eu assistia as aulas da Dona Neide. No ano seguinte, a Dona Neide se aposentou em 84. No ano seguinte, ela já tinha decidido que eu ia assumir as aulas da professora Dalila, que ia se aposentar, ela ia se aposentar depois, né? Eu também assistia a aula da Dalila de Bromatologia e Fisiologia, o ano inteirinho. Então eu tinha assim, para uma turma, eu assistia a aula, para outra turma, eu dava a mesma aula, e a Dalila dava para outra turma então. Era assim: - foi uma forma, e que hoje, eu acho isso incrível. Eu conhecia, eu só não tenho, eu merecia, eu acho que eu merecia ser certificada com o diploma do técnico. Porque eu dei todas essas disciplinas, dessa forma, foi legal, foi bem bacana e isso fez com que a paixão, você se apaixonasse pela pessoa, você admirasse a pessoa, exatamente como ela era como pessoa, como profissional, como professora, como coordenadora, como orientadora, e que foi para nós, né, professores que entramos, um grande legado um grande ensinamento. E, foi assim que ela contratou a Leila, uma sucessora, para ela inclusive, ela contratou a Solange, né, hoje falecida. Ela contratou a professora Marina Favalli, a Rosana Toscano, a Ângela Antônio Musso, ela posteriormente contratou a Maria Cristina Pellicari, ela contratou a Letícia, né, e eu também estava nesse papo hoje, foi bastante, foi gratificante. Foi uma convivência daquele momento muito, muito, muito harmoniosa, ela conseguiu semear entre a gente uma relação de irmandade, de solidariedade, de unidade e era muito, a gente

pensava muito igual, a gente fazia as coisas sempre, tudo muito, de forma muito único, né. Eu acho que isso fez com que a paixão pela escola aumentasse, pelo curso aumentasse. Eu cheguei a ser coordenadora num período da escola, e usei, quando eu fui coordenadora, eu usei exatamente o mesmo critério, para trabalhar.

MLMC: Quando foi?

CKF: Agora. Eu não fui muito tempo, porque eu já estava mudando para o Centro Paula Souza. A gente estava, foi nessa fase de transição, aí depois, eu casei, tive filho, mas quando eu fui coordenadora, um dos critérios, e hoje eu ainda falo, eu bato nessa tecla, que eu acredito que para dar aula no técnico tem que ter estudado na escola. Eu a defendo, porque foi assim que eu aprendi e foi assim que a gente viu, grandes nomes, grandes trabalhos saírem. Então, foi assim que a gente chamou a Deise para dar aula, a Ana Cristina para dar aula, a Silvia Honorato para dar aula. Então, são professoras, e a Marina, que saiu da escola, voltou para escola, um critério bastante importante, veste a camisa da escola. Porque você veste, vestindo a camisa da escola, você defende o curso, a escola, as condições que te oferecem para trabalhar e é uma forma da gente também manter tudo muito vivo.

MLMC: Eu entrei em 2000 lá, e eu senti esse corpo único da nutrição, e a importância desse curso dentro da Etec. Ele tinha um número grande de turmas, a coordenação sempre organizava os eventos, né, eu senti isso.

CKF: Como nós não éramos um grande número de professores no curso, mas todas tinham um grande número de aulas, então a gente tinha uma dedicação praticamente exclusiva. Então nós passamos uma parte da juventude na escola, em que todas eram recém-casadas, tinham filhos pequenos, então viviam as mesmas situações dentro e fora da escola, e a gente compartilhava tudo isso. Tudo aquilo que a gente propunha para ser feito, a gente comprava a ideia. Então nós fazíamos jornadas, a gente fazia junto atividades bastante interativas, e é muito interessante, porque recentemente eu tenho uma turma que se formou na Carlos de Campos, elas se formaram acho que, em 1985, e elas me mandaram convite porque elas iam se reunir, mas infelizmente a gente tem outras atividades e não consegui naquele dia, mas elas me mantiveram bem ao par, e é muito interessante, elas mandaram as fotos daquela época, da turma delas, elas reunidas, as brincadeiras de criança entre elas. Numa fase que nós não tínhamos, como temos hoje, o celular que tira foto, tudo quanto é lugar. Naquela época, você tinha a máquina fotográfica com filme ainda, mas a gente olha e é muito engraçado, porque eu lembro da carinha de cada um, inclusive uma delas, a Geanne, que é

funcionária nossa na escola, diretora nossa na escola, eu olho e falo assim: - Geanne, olha você pequena, me lembro de você com essa carinha, é muito interessante, essa volta no tempo.

MLMC: E que disciplinas você deu na Carlos de Campos depois, já na década de 90, até agora?

CKF: Eu dei na Carlos de Campos, eu dei Bromatologia, eu dei Fisiologia, eu cheguei a dar Bioquímica, eu dei Técnica Dietética. Depois, durante muitos anos, eu dei Dietética Infantil e Puericultura, que depois com essas mudanças de grade que foram tendo, a gente dava esse conteúdo com nomes diferentes. Hoje a Dietética, que antigamente a gente fazia na disciplina de Nutrição Normal, hoje chama Planejamento Alimentar. Então eu trabalho com essa disciplina, então a gente sempre voltado para a mesma disciplina tanto tempo.

CKF: Eu trabalhei na escola, eu entrei como nutricionista, depois eu fiz o curso da Fatec, o Esquema, porque todas nós fizemos, porque nós não tínhamos a licenciatura. Eu fiz especialização, eu fiz o mestrado, sou mestre de nutrição humana aplicada pela Universidade de São Paulo e eu estou numa fase, já qualifiquei um doutorado também pela Faculdade de Medicina da USP, porque eu estou trabalhando com Doença Hepática Gordurosa Não Alcoólica. Então a minha área, eu me voltei totalmente a área acadêmica, então a área de pesquisa, eu sempre estive envolvida na formação de profissionais, na formação de nutricionistas, porque eu também trabalho com formação de nutricionista, mas eu nunca deixei do técnico profissional que eu sempre acreditei, que tem espaço, que tem lugar e tem mercado de trabalho.

MLMC: Agora, o técnico, na época que eu trabalhei 10 anos com segurança alimentar aqui na Cetec, e até a última, foi lançado o livro agora recentemente de currículo, e daí eu aproveitei para questionar, porque o artigo é lá de 2012, quando eu escrevi, para questionar a falta de espaço para o técnico trabalhar com Educação Alimentar ou do técnico trabalhar na periferia, por exemplo, em pequenos espaços, pequenas padarias, isso a gente ainda continua tendo dificuldade.

CKF: Você sabe que esse é um mercado bastante promissor para o técnico, controle de qualidade, controle higiênico sanitário, ele é extremamente capacitado.

MLMC: Mas ele tem que estar subordinado ao nutricionista.

CKF: Mas se você trabalhar com esse tipo de controle, nesses estabelecimentos menores, ele tem espaço, ele não precisa, porque não tem obrigatoriedade do profissional, mas ele pode estar trabalhando, ele não pode estar fazendo avaliação nutricional, ele não pode assumir responsabilidade técnica, ele não pode estar trabalhando com orientação, educação nutricional diretamente, propriamente dito.

MLMC: Mas eu questiono a questão da responsabilidade técnica, inclusive nesse artigo, porque enquanto química, o técnico químico, ele pode ser responsável por determinada empresa pequena. Na Edificações, também eu sei que tem isso. E na Nutrição eu acho que teria que ser revisto isso, essa questão. Porque eu mesma quando trabalhei com educação alimentar, é lógico que aqui na instituição eu tenho condições de ter uma nutricionista supervisionando o trabalho, mas em lugares menores você acaba ficando desassistido, então eu acho que essa é uma discussão que ainda continua.

CKF: Essa discussão eu acho que está voltada a todos os profissionais da área da saúde, então da mesma forma que você tem algumas limitações para o técnico de nutrição, você tem limitações para o técnico de enfermagem, você tem limitações para o protético. Então quando você envolve os profissionais da área da saúde, com atividades na saúde, existe uma diferença, existem algumas exigências que não dá para você comparar, por exemplo, com o pessoal de edificações, com o pessoal de outras...

MLMC: Mas por que eu falo da responsabilidade técnica? Porque uma empresa pequena, ela só vai contratar o técnico para atuar como responsável, também se ela tiver uma legislação que a obrigue a isso.

CKF: Exato.

MLMC: Então, por isso que eu acho que esse é um espaço que a gente tem que mexer para ampliar a atuação do técnico. É muito interessante. E até a vigilância sanitária também está responsável por isso, assim, porque daí a vigilância cobra desse técnico.

CKF: Mas você sabe que eu tenho recebido alguns estagiários do técnico aqui na Carlos de Campos, acompanhando o que eles estão fazendo. Todos trabalham em algumas unidades em que tem um nutricionista que trabalha, às vezes tem nutricionista que trabalha para uma rede de pizzarias. Ela não está em todas as unidades ao mesmo tempo, então tem alguns técnicos nessas unidades maiores, que estão trabalhando na retaguarda. Eles têm feito

trabalhos, inclusive, muito, muito, muito pertinentes e bastante reconhecidos que acabam se efetivando. Eu tive uma aluna, Giovana, ela trabalhou para o Dídio durante muitos anos como técnica, foi nossa aluna na Carlos de Campos. Ela, como técnica, assumiu determinados controles dentro da cantina, eles têm dois grandes restaurantes tradicionais de São Paulo. Ela acabou fazendo a faculdade de nutrição, porque essa é realmente o que a gente quer, que eles continuem estudando, que eles continuem almejando, que eles continuem galgando. Mas ela disse: - professora, eu consegui fazer a faculdade, porque primeiro eu fui técnica e trabalhei como técnica. Então isso também foi importante e essa fala é uma fala que a gente sempre usa na escola. E agora ela foi efetivada dentro da própria empresa como nutricionista, efetivada não, ela foi promovida como nutricionista. E, claro, melhora todas as outras condições, o cargo que ela ocupa, o próprio salário, a própria relação de responsabilidade. Então existe uma carreira a ser desenhada, é muito interessante porque muitos alunos entram na escola e não tem muita essa noção do que vai fazer. E quando você entrevista aquelas pessoas mais antigas, que entraram na escola, por exemplo: as minhas colegas que fizeram o técnico na década de 70, 80, na Carlos de Campos, o discurso é muito parecido e muito comum. A minha vizinha, a minha amiga fez o técnico, a escola é renomada, o técnico tem espaço, o mercado de trabalho é promissor. A mulher não precisa ser só professora, então isso é um discurso muito comum entre eles.

MLMC: Já era um discurso do Pompeu do Amaral e da professora Neide.

CKF: E que isso não mudou, e aí quando elas entraram na escola elas já sabiam o que era a escola, o que elas iam fazer, o que elas iam estudar E aí elas mostram, entram na escola sabendo do que era o técnico em nutrição. Conheci alguém que fez, eu conheci, tem gente que não tem a noção e muitas pessoas falam assim: Ah, eu achei que era uma coisa ou outra, quer dizer, às vezes o que eu acho que falta um pouco hoje é exatamente esse preparo. E falta esse preparo para o mercado de trabalho, falta esse preparo para as possibilidades. E eu acho que falta isso também na escola, eu acho que isso de uma forma geral. Já tenho perguntado para várias colegas de outras escolas se temos isso, se é comum. Então eu acho que também falta um pouco esse direcionamento. Antigamente, quando entrava na escola o estágio era obrigatório, remunerado, não remunerado, ele era obrigatório.

MLMC: Mas isso também foi mudando. Porque, por exemplo, acabou surgindo a lei de estágio, porque as empresas contratavam os estagiários como se fossem funcionários pagando menos.

CKF: Mas isso existe até hoje.

MLMC: Então, acaba surgindo a política e daí acabam também tendo outros problemas. Uma outra coisa, era que os alunos não concluíam todas aquelas horas de estágio, não se formavam como técnico. E daí tinha a questão da evasão escolar, então são vários problemas que a gente tem que resolver. Mas, que vão atropelando muitas coisas...

CKF: Mas eu acho que isso dá para a gente pensar uma grade que consiga colocar, desde que, a gente ofereça condições para fazer estágio. Então, antigamente nós tínhamos os refeitórios nas escolas, que funcionavam como refeitórios. Eu entrei na Carlos de Campos, e disse: como a gente tinha o refeitório da escola, a Administração do Serviço de Alimentação era feito dentro do próprio restaurante da escola. E era um espaço de estágio também para eles, o refeitório da escola. Então, eu acho que a gente precisa pensar um pouco nessas novas possibilidades para os técnicos de uma forma geral.

MLMC: Essa é uma coisa que eu também discuto, porque é o seguinte: a escola tem que ter espaço para a biblioteca, também tem que ter espaço para o refeitório. E essa é uma discussão que tem que se fazer, quando vai se planejar o espaço para a escola. Então, dizer que eu não tenho espaço para a cozinha, isso é desculpa. Daí, tem relação com as políticas públicas. Então, a gente teve avanços, que foi com o CONSEA. E hoje, infelizmente, a gente está num retrocesso, inclusive com o fim do CONSEA nesse novo governo. Então, tudo isso interfere no nosso trabalho.

CKF: Interfere na formação de um profissional, na atuação e no espaço de mercado futuro. Porque a gente sabe, né, Maria Lúcia, o quanto foi difícil. Eu participei durante todo esse período que eu trabalho na escola, desde o reconhecimento do técnico, junto ao conselho. Nós, quando trabalhamos, a Dona Neide batalhou muito por reconhecimento. Depois nós damos continuidade para que o técnico fosse reconhecido e tivesse o seu espaço dentro do conselho.

MLMC: Inclusive, eu entrevistei a Edénir recentemente, e ela foi também, uma das pessoas que participou da criação do código de ética do técnico.

CKF: É, Edénir, quando você fala de todas essas ações, você pode ver. Tem sempre alguém da velha guarda, como a gente costuma falar, envolvido. Porque sabe o quanto isso foi difícil. Às vezes a gente fala para eles, hoje, do que, eles não têm a noção do que isso representou. Em termos de conquista, de espaço, de mercado, de reconhecimento, de trabalho. E o que

isso representa para hoje e para amanhã. É, a gente na escola, eu tive a oportunidade de ver a Dona Neide nessa batalha, enquanto a gente esteve juntas. Ela saiu da escola e o período que depois ela saiu, a gente manteve esse contato evidentemente.

MLMC: Era isso que eu ia perguntar: por que como eu me aproximei da professora Neide Gaudenci a partir de 2001. Ela sempre falava de vocês. E daí, eu queria que você comentasse um pouco sobre essa relação, esses encontros que vocês tinham.

CKF: Ela sempre me chamou da adotiva, porque eu fui a adotada. E eu tinha uma necessidade de ser reconhecida igual a minhas amigas, como assim? Mas ela falava com muito carinho. E aí ela propôs, vamos ter que atualizar o nosso livro. Porque o livro da Dona Neide, o primeiro, era uma apostila que virou um livro. E quando ela lançou o livro, foi o nosso primeiro livro de nutrição escrito por um profissional nutricionista brasileiro. Porque tudo que a gente tinha era de fora. E ela, também lançou, já em adições posteriores, a tabela. Porque essa tabela também, o Carlos de Campos, eles usavam na forma de apostila também. A tabela de composição centesimal dos alimentos para planejamento da alimentação.

MLMC: Eu vou te mostrar, antes, hoje ainda, uma tabela que a Edénir me trouxe, que eu não sabia, de 1951. Só que ela tinha poucos alimentos e tal. E depois, eu recebi de uma aluna, essa tabela que você está falando datilografada. E que vocês foram trabalhando em cima, muito interessante.

CKF: Em cima dela, e depois, ela conseguiu que a Nobel fizesse um anexo junto com o livro Então, foi uma grande conquista, tudo isso feito em terra brasileira.

MLMC: Até porque você vê, nesse período que eu trabalhei com segurança alimentar, tinha o grupo da Unicamp, acho que era a TACO. Então, ela que soltou a tabela, ampla e tal. Mas você vê, antes disso, era esse trabalho fantástico.

CKF: Era isso mesmo.

MLMC: O IBGE.

CKF: Então, ela fez assim: - vamos atualizar. Então ela chamou todas nós, numa reunião na casa dela. Precisamos conversar.

MLMC: Isso, em 2009?

CKF: Isso é chamado, comando. Em chamando, nós fomos. Chegando lá, ela fez assim: - eu gostaria que vocês atualizassem esse livro, que precisa ser revisto, atualizado, porque alguns conceitos vão se modificando, e a gente precisa manter a chama viva. Gostaria que vocês se envolvessem, uma vez que vocês fazem parte da minha história. E assim ela designou: se você olhar o livro, eu tenho vários capítulos. Muitos, você faz isso, eu faço isso. Ah, adotada, meus Deus. Ela fez assim, ela dava uma piscadinha. E a gente fez o livro, conforme ela pediu. No final, nós decidimos que ela era organizadora. Não, pode ir, a gente quer, não adianta por só o meu nome. E aí a gente foi nessa parceria. Quando publicou o livro, porque houve o lançamento do livro. Aí ela, com todo carinho, fez assim: data da legitimidade maternal. Ela falou: - agora você pode assumir igual as outras. Apesar que ela fez assim para mim: - você sempre foi igual. Aí eu dei um beijo nela, porque não tinha jeito. E ela sempre foi muito especial.

MLMC: Você acredita que eu marquei errado na agenda? Eu fui no dia seguinte, e daí só tinha um livro lá, que eu consegui comprar E daí eu levei o livro na casa da professora Neide para mostrar para ela, que eu tinha comprado o livro para ela fazer uma dedicatória.

CKF: E ela sempre foi muito especial. A gente esteve e às vezes se ela queria falar alguma coisa sobre alimentação ou alguma inconformidade, ela me mandava por e-mail. Da forma que lhe é bem peculiar dela se expressar. Agora bem no final ela já não queria conversar, mais essa folia. Ela falava: não, vocês se reúnem lá. Ela foi embora, mas

MLMC: Ela foi sentindo o coração.

CKF: Foi. Eu trabalhei com a filha da Dona Neide na faculdade, a Ana Cristina, na São Camilo. E aí eu perguntava como é que ela está, e ela dizia: a mãe hoje não está bem. Mamãe mudou para o apartamento e a gente estava sempre acompanhando os passos da Neide.

MLMC: E daí tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? Eu gostei muito de saber desses e-mails, dessas trocas de e-mails entre vocês.

CKF: A gente fazia assim: Dona Neide continua da mesma forma. O que a gente mais admirava era esse posicionamento dela.

MLMC: Ela sempre foi muito firme.

CKF: Muito firme, coerente e muito inteligente, e assim, super correta. E algumas pessoas viam isso como uma questão de exigente, e não é uma questão de exigente, era uma pessoa bastante firme e que sabia bem o que estava falando e sabia bastante. Como argumentar e ela tinha todo o embasamento.

MLMC: A professora Neide, eu não sabia nada de Neide Gaudenci, até que ela entrou naquele chá comemorativo dos 90 anos e todo mundo se voltou para ela. Daí eu olhei assim e pensei assim: é essa que eu tenho que ir atrás para o projeto de Historiografia. Daí, em 26 de dezembro ela foi dar uma entrevista para nós no Centro de Memória, para mim e para Eliana Roda. Ela foi com o seu Alfredo que tirou a foto que está aí no folder. E daí quando eu liguei para a casa dela, no ano seguinte, e tal. Eu senti que o seu Alfredo, não sei se ele tinha ciúmes ou o que era, mas daí eu me afastei um pouco da Dona Neide e fiquei receosa de incomodá-la. Mas, daí quando foi em 2008, eu comecei escrever sobre o Horácio, porque eu assumi aqui o Memórias, e quando eu falei vou ligar para professora Neide, e daí ela disse assim: você tem que parar com essa história de Horácio da Silveira, você tem que escrever sobre o Pompêo do Amaral. Você não quer escrever sobre a Nutrição? Pompêo do Amaral.

CKF: É muito interessante, porque a gente nunca tinha ouvido falar do professor Pompêo do Amaral. E quem mostrou para a gente e quem começou a falar foi a Dona Neide. E tem outra coisa, a gente começava a falar de nutrição usando Pedro Escudero. A primeira aula de nutrição a gente vai falar sobre as leis de Pedro Escudero. E até hoje quando a gente fala de Pedro Escudero, a gente fala como se ele fosse muito amigo. Porque a gente sabe que quando ele veio implantar o curso técnico de nutrição na Escola Carlos de Campos, ele veio com o modelo da escola argentina que foi ali constituída por Pedro Escudero.

MLMC: Em 1934.

CKF: Em 1934, e ele trouxe o mesmo modelo, a mesma proposta, para a nossa escola aqui. E a gente fica com isso só honrada.

MLMC: Então deixa eu te contar uma coisa. Há dois anos, eu tirei férias. Bom, na verdade há dois anos atrás, eu fui para um congresso internacional que aconteceu no Rio de Janeiro, na UFRJ. Conheci uma médica argentina, na sala que era de discussão de textos de medicina e de química, e daí eu estudava a história de um médico, e eu fui falar com ela sobre Pedro Escudero. Essa senhora fazia parte de uma associação de historiadores das ciências na Argentina e ela me pôs em contato com um médico da Universidade de Buenos Aires, que

me permitiu ter acesso há dois anos ao arquivo do Pedro Escudero. Eu tenho um artigo publicado onde eu faço uma comparação do trabalho do Escudero com o do Pompêo do Amaral. Porque eu admiro mais ainda o nosso Pompêo do Amaral, é porque ele desenhou um curso de acordo com a nossa necessidade. O Pedro Escudero estava dentro de uma faculdade de medicina, então tem semelhanças, mas tem diferenças até por questões da nossa economia.

CKF: Ele implantou

MLMC: Sem dúvida. Ele é o pai das Dietistas na América Latina.

CKF: Ele comprou a ideia, mas com a realidade nossa.

MLMC: Muito próxima, porque 34 e 39.

CKF: Hoje com toda essa tecnologia, mas naquele tempo, ele fazia a coisa acontecer rápido.

MLMC: Acontece o seguinte: o Pompêo do Amaral era jornalista e ele tinha meia página do jornal Folha da Manhã, da Folha da Noite. Ele escrevia sobre medicina, e o foco dele era alimentação e ele escreveu, em 1938, uma matéria, que colocava o seguinte: um curso que a nação carece. A Celina de Moraes era jornalista também, mas naquela época, para as mulheres só restava escrever sobre receitas. Então eles escreviam no mesmo jornal, ele sobre medicina e ela sobre receitas, ele como nutrólogo. E é interessante que ele fez o prefácio do livro dela, de Química Alimentar de 1939 (correto é 1938) e por esse prefácio ele foi convidado pelo Secretário da Educação e Saúde, e acontece que o Pompeo do Amaral já era médico no Parque D. Pedro. O Pompêo do Amaral foi professor do primeiro curso de Educação Física, que gerou o curso da USP. Então você vê que nada acontece atoa, veio o convite dessa forma.

CKF: É preciso ver como a superintendência da época funcionava.

MLMC: Por isso que eu falo de gestão. Se você tem um chefe atento, tem o cara certo, tinha sido criado a pouco tempo o Ministério de Educação e Saúde, e ele veio com essa proposta.

CKF: O Ministério da Educação e Saúde era junto, e como uma coisa está relacionada a outra. Eu acho assim: é para questionar mesmo como as coisas funcionavam, num momento

político complicado, que a gente estava passando por uma crise grande também. O Josué de Castro, não sei se foi bem retratado nessa mesma época.

MLMC: Eu acho o seguinte: o Josué é o nosso ícone nacional. Ele desenvolveu uma metodologia e ele destacou a questão da fome no nosso país. Agora o Pompêo do Amaral está voltado para a alimentação racional, e portanto, está muito mais voltado a Nutrição do que o Josué.

CKF: A força do Josué estava em como mostrar e o Pompêo como resolver a situação.

MLMC: Tanto é que o nosso curso é de 1939, e no ano seguinte, ele criou o curso lá no Rio de Janeiro, no SAPS, como o nome de “Auxiliares em Alimentação”, daí eu acho que esse o maior problema do Pompêo é que ele usou o nome de “Auxiliares em Alimentação e de Dietistas”, e ele deveria ter usado Dietistas, que é o nome que se usa até hoje nos Estados Unidos, e que se usa na Argentina, e que aqui no Brasil, se transformou em Nutricionistas. Tem uma discussão, porque quando você fala a gente não conhece o Pompêo do Amaral aqui no Brasil, porque o livro de História da Nutrição, tem um parágrafo, num capítulo, e por isso eu fiz questão de fazer o doutorado e colocar quem foi o Geraldo de Paula Souza.

CKF: Eles surgiram no mesmo ano, em 1939.

MLMC: O nosso decreto é de março, o decreto do Geraldo de Paula Souza, é de outubro e o curso só começou em 1940.

CKS: Então, nós temos um ano na frente dele.

MLMC: O nosso curso era de dois anos, e o curso da USP era de dez meses. Tanto que só com a reforma universitária o curso ficou fechado para se transformar em um curso de três anos. Até então ele era um curso técnico como o nosso.

CKF: Por exemplo, em um dos momentos ele fala

MLMC: Se você olha os decretos, o que teve de grande importância, daí a grande importância da Neide.

MLMC: Antes disso, ele já estava incluindo a disciplina de pesquisa, que foi onde entrou a Dona Neide para ministrar.

CKF: A Neide entrou em 1952. Em 1953, ela foi para a Rego Freitas.

CKF: Quando ela entrou na escola, logo eles foram para a Rego Freitas, e o Pompêo a colocou fazer o levantamento estatístico

MLMC: Eu fui recentemente lá, e demoliram a casa, e está lá o tapume e acho que vão construir um prédio.

CKF: E quando ela foi para lá elas já foram como Dietistas.

MLMC: Sim, quem propôs essa separação foi o Arnaldo Laurindo, por decreto de 1953. Mas, quando você olha o currículo, você tem mudanças, como acontece conosco, mas não tem grandes mudanças.

CKF: Mas é tão interessante que você olha, mesmo tendo ido para Rego Freitas, depois elas voltam para a Carlos de Campos.

MLMC: Porque o Jânio Quadros puxou o tapete do Pompêo do Amaral, ele queria demiti-lo. Porque o Pompêo do Amaral nessa época, ele tinha ganho o Prêmio do “Leite Problema – Nacional” e ele era chamado pelo Pacto... tinha um grupo trabalhando, inclusive o deputado José Rocha Mendes, que é patrono de uma das nossas escolas, e ele era sindicalista e convidava o Pompêo do Amaral para falar como especialista do problema do leite, porque a mortalidade das crianças era muito grande. Porque os problemas com leite eram muito grandes, com a mortalidade infantil pela contaminação do leite e por isso o nosso Dispensário de Puericultura era muito importante. Isso daí depunha contra o governo, além disso tinha o problema da soja, que o Pompêo do Amaral ele era contra a troca do leite pelo vegetal para as crianças. Ele falava que a soja era importante, as suas propriedades.

CKF: Mas não para a troca do leite.

MLMC: Tinha um médico italiano que trabalhava na Faculdade de Saúde Pública, que era a favor, então tinha um embate aí. O governo, Janio Quadros, que era a favor da expansão da soja no estado de São Paulo.

CKF: O interessante para as meninas que eram formadas nessa época, é os estágios que elas faziam, elas estavam em todas as frentes, nos laboratórios de Bromatologia, elas estavam nos refeitórios da Getúlio Vargas.

MLMC: E tinha a Associação das Dietistas, que a Debbie era a presidente, e a associação foi criada dentro da própria Carlos de Campos.

CKF: Então você veja, faz história e faz acontecer.

MLMC: Olha eu acho que essa turma e por isso quando eu vejo o grupo de vocês, e o interesse que eu tenho, já entrevistei a Leila também, e eu vejo o valor que a Neide dava para o trabalho de vocês. E ao estudar a história eu percebi o trabalho desse grupo – a Debbie, a professora Neide eu acho que ela era o braço direito e a Dalva.

CKF: Quem contava para a gente essa história era a Dona Neide, a Dona Maecyra.

MLMC: A Dona Maecyra já entrou na Rego Freitas.

CKF: Eu conheci a Maecyra, ela já estava aposentada, e como amiga da Dona Neide.

MLMC: Ela era madrinha, acho que do Flavio de Sá.

CKF: Eu conheci a Dona Dalva, quando ela foi uma vez visitar a escola. Eu conheci a Dona Keity, a Dona Dorotéia que dava aula de “Artes Culinária”.

CKF: Muitas a gente conheceu depois que elas se aposentaram e quando elas retornaram a escola.

MLMC: Eu fico emocionada e acho que foi uma bença conhecer a Dona Neide. Porque eu estudo nutrição faz uns dez anos, e vou morrer estudando alimentação e nutrição. Porque eles trabalharam muito. E a Neide falava que: você deu vida, ressuscitou e eu falava: eu não ressuscitei ninguém, vocês...

CKF: Ela falava que você, como foi o termo que ela usou: tirou ela estava dormindo e foi ressuscitada.

MLMC: Eu falava que eu só conseguia escrever, e dizia: - porque vocês é que trabalharam muito.

CKF: Você vai mexendo nos arquivos, e você vê que vai aparecendo um filme na sua cabeça, é tão interessante isso.

MLMC: Quando você estava falando hoje, que a Neide foi contratada para fazer pesquisa e ela fez esse levantamento estático dos 40 até 51. E depois, ela aplicou os questionários em 51 e 52.

CKF: Eu tenho o livro dela, que ela me deu.

MLMC: Eu tenho isso, que eles ganharam o Prêmio Nacional, está no acervo da Debble. Tenho não, é do acervo da Debble que está comigo.

CKF: Eu tenho um livro com o nome na capa, logo depois que ela saiu e ficava naquele armário na sala, e como eu dava inquéritos, ele ficou comigo. Eu vou te dar.

MLMC: Eu já tenho um material da Neide, porque ela me deixou, de um curso que ela fez sobre a vida dela. Você acredita que ela deu para mim e está comigo. E ela colocou uma fotografia dos pais dela original. Quando eu vi recentemente isso, depois que ela faleceu, porque eu tinha olhado muito rapidamente, e vejo que a professora Neide teve o cuidado de me dar essa foto original. Porque essas fotografias que tenho foram as que eu escaneei dela.

CKF: Ela é muito interessante, porque ela falava que dos pais eles queriam que ela fizesse Corte e Costura.

MLMC: Era a visão para a mulher.

CKF: E de repente ela seguiu na profissão que escolheu e para nós quando ela foi eleita, o nome do Prêmio do CRN, para nós foi uma festa, ela receber essa homenagem do CRN, aquele prêmio foi um reconhecimento do técnico profissional.

MLMC: Felizmente, eu estava lá também, por causa do Conselho de Segurança Alimentar.

MLMC: Mas o que é interessante, quem você que falou que fez o Esquema, a Neide fez o Instituto Pedagógico do Ensino Profissional, e até em uma entrevista com a Neide que eu

descobri sobre isso. Este instituto é meio assim. Tiraram o curso do Pompêo do Amaral de lá, fizeram o curso voltar para a Carlos de Campos, inclusive, o nome também era Esquema, também nesse instituto.

CKF: Acho que fizeram isso porque elas eram contratadas não como professoras em termos de carreira.

MLMC: Acontece o seguinte: o nome era Esquema também, nome dado nesse instituto, tanto que eu fui entrevista a Neide para um projeto de alimentação e nutrição, e daí eu descobri que ela tinha sido aluna da segunda turma, mas ela não foi só aluna nesse instituto, como ela deu aula de Estatística. Você vê que tem relação com esse projeto.

CKF: Ela dava estatística para as alunas.

MLMC: Era inquérito. Ela gostava. Ela era uma mulher inteligente e dedicada.

CKF: Ela era realizadora, fazia as coisas acontecerem. E é interessante que ela foi fazer a Pedagogia, e ela foi fazer todos esses cursos se preparando para que ela assumisse realmente, (interrompe a entrevista)

Vídeo dois (10 minutos e 10 segundos)

CKF: Esse posicionamento de coordenação, de orientação, de acordo. E é claro que o currículo delas, a grade delas, não permitia galgar dentro da própria Secretaria da Educação aquilo que o plano de carreira que os professores normalmente tinham.

MLMC: A Debbble, e ela dava aula como a Debbble, mas a Debbble tinha a letra número 56 na carreira, porque foi contratada para o curso de Educação Doméstica, a Celina. E a Dalila, a Arcelina, a Neide, 36, porque houve uma mudança. Então elas tinham um salário baixíssimo, porque eles consideraram que elas eram técnicas.

CKF: Exato.

MLMC: E elas tiveram que fazer o técnico ainda.

CKF: Mas é que Dona Debble, ela fez farmácia. A Dona Debble, depois fez nutrição. Então, que reconhecidamente, porque a Dona Debble acho que foi em 1945, né?

MLMC: Então, mas se você vai estudar, por exemplo, quando o Pompeu do Amaral tirou o curso e levou para a Rego Freitas, a intenção dele é que esse curso fosse de nível superior, como aconteceu com a USP, só que não aconteceu isso. Então, quando ele sofreu o processo, ele estava nessa briga. E ele queria que elas fossem técnicas de educação, que ganhava mais do que diretor. Só que não aconteceu isso. Houve um rebaixamento na carreira, e que prejudicou por mais de 10 anos.

MLMC: Elas ficaram com esse baixo salário, tendo que fazer o técnico novamente. São uns absurdos que não tem cabimento.

CKF: E depois já vem a equiparação, né? No final, a Dona Debble tem...

MLMC: Ah, sim, é verdade.

MLMC: Na década de 80, elas são nutricionistas. Isso, tanto que chamam ela de doutora e é realmente... Doutora de nutrição e bem. Sim.

CKF: Justo. Claro. Conhecimento que ela tem. Justo, inclusive, pela própria formação, que na época hospedava, e que elas, por exemplo, tinham toda essa formação. A Dona Debble teve uma visão mais arrojada para época, eu acho.

MLMC: Dona Debble, sim, foi na USP e fez lá.

MLMC: Em 32. E a Zeni também. A Zeni foi a esposa do Pompeu do Amaral. Ela era professora lá na Carlos de Campos. Ela também é da turma de 32, farmacêutica. Só que depois, na década de 50... Ela ficou pouco tempo lá na escola, e daí ela foi para outra escola. Chegou a ser diretora da Lapa.

MLMC: Não, a Dona Debble fez farmácia, depois a Dona Debble fez nutrição.

CKF: Sim, ela fez...

MLMC: Isso, em 45.

MLMC: E a Celina também fez nutrição pouco antes dela. Eu fui pegar um certificado que a Celina fez, lá na Saúde Pública. Insisti, eles procuraram, acharam.

MLMC: E a Celina, inclusive, ela... A Carlos de Campos, por três anos, teve o curso de... Foi chamada de... Escola Normal de Artes e Ofícios. Só por três anos, de 31 a 33. Depois ela passou a se chamar Instituto Profissional Feminino, que foi quando foi criado o curso, em 39. Nesses três anos, a Celina fez o curso de Normalista. Ela se formou pela Carlos de Campos. A Celina é uma mulher batalhadora. Era uma mulher batalhadora também.

CKF: Eu, quando entrei na escola, na Carlos de Campos, era Escola Estadual de Segundo Grau Carlos de Campos.

MLMC: É, porque você já entrou no período do regime militar, que houve mudanças enormes... E ele depois virou uma escola técnica estadual. Em um curto espaço de tempo. E agora estão querendo de novo fazer as mesmas mudanças de coisas que não deram certo no passado.

CKF: Aliás, ao invés de aproveitar aquilo que deu certo e melhorar, não, né? Porque o que deu certo sabe, né?

MLMC: Por isso a importância de a gente estar contando essa história.

CKF: Tem que ter alguém para contar a história. Se não tiver, a gente perde.

MLMC: Isso tudo se perde. E fica repetindo, repetindo os mesmos erros. Entendeu?

CKF: A gente sabe o que deu certo na escola. A gente sabe o que não deu certo na escola. E, às vezes, existe uma resistência para avaliar a experiência. Pode ver. As pessoas não acreditam naquilo. Descobrir a pólvora.

MLMC: Eu acho que o grande problema, você tem pequenos grupos participando das políticas públicas, porque o governo tem uma ingerência muito forte. A gente monta os currículos, tudo em função das propostas governamentais. Agora, por outro lado, existe uma resistência inclusive dos próprios professores. Tanto que, para você implementar uma lei, levaria uns 20 anos. Só que eles mudam tão rapidamente que não se consegue dar conta que se faz uma

bagunça. Eu entendo assim, com o avanço tecnológico, a gente tem que fazer revisões a curto prazo, porque a tecnologia avança muito. Mas tem que ter critério, né?

CKF: Eu acho que as mudanças, elas são permanentes. E ser permanente exige, mas também tem uma outra coisa, eu acho que também, uma das condições para que você tenha essa mudança permanente, mas uma mudança concreta e real, precisa contar com pessoas que estão mais atualizadas, mais conectadas. Você começa a pegar aquelas pessoas que falaram no tempo e no espaço, a curricular não muda nunca.

MLMC: Não, não, isso também não pode de jeito nenhum. É verdade.

CKF: É complicado mesmo. E é difícil porque as pessoas são resistentes a mudanças. E quando você fala que precisa mudar, que você tem que sair um pouco da zona de conforto, fica pior ainda. A resistência é maior ainda. Isso acontece de uma certa forma, de geral.

MLMC: E não deveria ser assim, né? Porque eu vejo assim, mesmo nós que ficamos em sala, eu que trabalho com professores hoje, com formação continuada de professor, eu tenho que me atualizar o tempo todo. Tanto que eu participo de congressos para ver as novidades, eu leio, eu compro livro, porque tudo muda muito rápido, né?

CKF: Se você não tiver novos desafios, novas propostas, você não sai do lugar. E o mundo hoje é outro. Hoje nós não podemos ter, não vamos ter nunca uma escola igual nos modelos da escola dos anos 30, dos anos 40. Mas nós precisamos ter uma escola dos novos séculos. Com pessoas que tem uma proposta para um tempo mais ágil, mais moderno, mas completamente diferente, com público totalmente diferente em termos já de formação.

MLMC: Mas daí, por isso a importância de ter gente pensando mais pra frente. Que é o problema que a gente está discutindo hoje no MEC. Você tem que ter gente que tem experiência com educação, que tem experiência com a gestão. Porque essas coisas você não pode mudar no sopetão. Porque, senão, o que acontece? É um grupo pequeno que se reúne, faz mudanças que os outros vão ter que seguir. E não vão seguir, porque vão ver incoerências e tal. Então, teria que ter esses grupos que estão na frente, preparando o terreno. Sempre, né?

CKF: E como é difícil. É difícil porque as pessoas é... Quando você fala que você precisa de pessoas experientes, mas pessoas experientes que estão conectadas. Porque tem muita

gente que tem anos em janela aí, e que está aí dentro de determinadas decisões, e que desculpa, né? Está totalmente fora de uma realidade no conceito.

MLMC: Eu acho a proposta do laboratório de currículo superinteressante. E essa proposta vem do MEC. Até a própria Debbie participou de laboratório de currículo na década de 70. E que se continua tendo até hoje no Centro Paula Sousa. Agora, eu acho que tem que ter essa mescla mesmo. Gente que está nativa, gente que trabalha com a estrutura.

CKF: Você tem que ter essa diversidade. Você vai ver aquelas pessoas que não saem daquele gabinete, daquele quadrado. Ou mesmo que não saem da escola, para absolutamente nada. E se for por uma questão de estar intervindo em uma proposta mais moderna, mojada, eu acho que fica mais difícil. Quem trabalha com educação tem que estar em preparo permanente. Não adianta. E cada vez mais, né? E quem trabalha com formação de profissionais, você tem que estar inserido dentro de um processo de atualização permanente. Porque tudo está realmente mudando.

MLMC: E muda muito. E hoje nós somos rápidos. E muitos. E nós somos muitos. Você pega quantas escolas nós tínhamos e como é que isso evoluiu. E tem muito por se fazer.

MLMC: Porque o meu sonho é alimentação nas escolas. Olha, Clara, muito obrigada. Foi um prazer.

CKF: Obrigada. O que eu puder trabalhar, ajudar, contribuir.

MLMC: Eu vou transcrever essa entrevista e assim que eu o fizer, vou passar para você. Inclusive me dar autorização. Mas só quando transcrevê-la e tal. Nós vamos, estar trocando e-mail.

MLMC: Obrigada, Clara.

CKF: Foi um prazer. E obrigada pelo convite e pela oportunidade

Descritores

História oral na educação

Memórias do Trabalho Docente

Centro de Memória

Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

Técnico em Nutrição e Dietética

Clara Korukian Freiberg

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Neide Gaudenci de Sá

Dalila Ramos

Debble Smaira Pasotti

Maecyra Bernardes de Melo

Maria Dalva Oliani

Francisco Pompêo do Amaral

Pedro Escudero

Josué de Castro

Geraldo de Paula Souza

CRN

Técnico em Enfermagem

Técnico em Edifícios

Técnico em Prótese

Universidade de Mogi das Cruzes

Centro Universitário São Camilo

Dados Biográficos da Entrevistada



Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 11/04/2019.

Clara Korikian Freiberg - Técnica em Nutrição e Dietética, Graduação em Nutrição pela Universidade de Mogi das Cruzes (1981), Mestre em Nutrição Humana Aplicada pela

Universidade de São Paulo (2000). Doutora em Ciências do Programa Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2021), Licenciatura em Ciências, Licenciatura em Biologia. Atualmente é professora da graduação e do Mestrado Profissional em Nutrição do Nascimento à Adolescência do Centro Universitário São Camilo e professor titular do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Docente há cerca de 35 anos na formação de nutricionistas e 41 anos na formação de técnicos em Nutrição e Dietética. Tem experiência na área de Nutrição, com ênfase em Análise Nutricional de População, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação nutricional, antropometria, estado nutricional, consumo alimentar e risco coronariano. Pesquisadora do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil) junto a Universidade de São Paulo, uma iniciativa pioneira que envolve seis instituições públicas de ensino e pesquisa do país e apoio do Ministério da Saúde. Premiada na 5a. edição do Prêmio Henri Nestlé 2021 - Nutrição em Saúde Pública.

Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/3125436215123934>. Acesso em: 13 set. 2024.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e

Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017).

Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (documentos sigilosos e não público disponíveis ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Clara Korukian Freiberg

Termo de Autorização para uso de Imagem de Clara Korukian Freiberg